



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Gil Vicente

Farsa do Clérigo da Beira



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Farsa do Clérigo da Beira

Gil Vicente

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Do ano de 1526.

Livro Digital nº 931 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

FARSA DO CLÉRIGO DA BEIRA



Segue-se outra farsa de folgar, que trata como um Clérigo da Beira, véspera do Natal, determinou de ir aos coelhos, e indo pera à caça com um filho seu às matinas. Trata-se o outro de um vilão, que indo vender à Corte uma lebre e uns capões, e um cabaz com fruta, foi roubado, que até o chapeirão lhe furtaram, o qual furto foi descoberto por Cecília demoninhada, em quem diziam que foliava um Pedreanes. Foi representada ao muito poderoso e cristianíssimo Rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, em Almeirim, na era do Senhor de 1526.

FIGURAS:

UM CLÉRIGO

FRANCISCO (seu filho)

GONÇALO (Vilão)

ALMEIDA

DUARTE

UM NEGRO

UMA VELHA

CECÍLIA PEDREANES

MOÇOS DO PAÇO

(Entra o Clérigo com seu filho Francisco, e diz o filho)

FRANCISCO

Vós haveis de celebrar
missa de festa em pessoa,
e não fazeis a coroa
antes que vamos caçar?
Pois, pai, não haveis de olhar
que sois clérigo da beira,
porque a gente cabreira
em tudo quer atentar.

CLÉRIGO

Tua mãe ma trosquiará,
não cures tu de conselhos;
cacemos nós dos coelhos,
que isso à noite se fará.

FRANCISCO

Sabeis, pai, que esqueceu lá
a furoa?

CLÉRIGO

Vai por ela.

FRANCISCO

De uma légua hei de ir trazê-la?
Melhor viva eu que lá vá.

CLÉRIGO

Pesar da ida e da vinda,
vai, torna pela furoa.

FRANCISCO

Va lá quem tiver coroa,
que eu não na tenho ainda.

CLÉRIGO

Creio que a vara há de andar.
Se isso vai dessa maneira.

FRANCISCO

Eu não sou vossa oliveira
que a haveis de varejar.

CLÉRIGO

Renego destas respostas:
vai muito asinha.

FRANCISCO

Eu creio
que cuidais que sou correio
que vai e vem pelas postas.

CLÉRIGO

Crê tu se me a mim não fora
que tua mãe logo se assanha,
já te eu dera uma tamanha,
que tu foras logo essora.
requeiro-te que vás embora,
antes que se assanhe o abade.

FRANCISCO

Ainda eu não tenho vontade,
lá é ela algures fora.

CLÉRIGO

Vai, Francisco.

FRANCISCO

Si, irás.
Ide vós: não tendes pés?

CLÉRIGO

Filho de clérigo és,
nunca bom feito farás.

FRANCISCO

Piores são os de Frei Mendo,
e os do beneficiado,
que vão tomar o bocado
que seu pai está comendo.

CLÉRIGO

Vai, que já está no cortiço,
senão tomá-la e trazê-la.

FRANCISCO

Já má-hora vou por ela,
mas hei de furtar chouriço.

(Vai o moço pela furoa e fica o Clérigo entre si dizendo)

CLÉRIGO

Medraria este rapaz
na corte mais que ninguém,
porque lá não fazem bem
senão a quem menos faz.
Outras manhas tem assaz,
cada uma muito boa:
nunca diz bem de pessoa,
nem verdade nunca a traz.
Mexerica que por nada
revolverá São Francisco;
que pera a corte é um visco,
que caça toda a manada.

(Vem o filho com a furoa, e diz)

FRANCISCO

Já minha mãe tem tascada
a regueifa do batismo:
andai vós cá, pai, ao bismo,
Que ela não lhe escapa nada.

CLÉRIGO

Rezemos matinas logo,
antes que entremos à caça;
que como homem se embaraça
nela, não é senão fogo.

FRANCISCO

Matinas de cá da Beira,
ou como quereis rezar?

CLÉRIGO

Si, pera que é mudar
cada dia uma maneira?
porque os capelães del-rei,
que cá na Beira tem renda,
se razão lá de outra lei,
tem outra lei de fazenda.
Mas deus dê muita prebenda
a Antone Álvares, que é razão
que ele e outros que lá estão,
nos leixarão esta lenda.

FRANCISCO

Nome de Deus começar.

CLÉRIGO

Pater noster.

FRANCISCO

Que siso!
Na caça pera que é isso,
senão *Domine labia?* Andar.

CLÉRIGO

Domine labia mea,
tu priol a pé irás.

FRANCISCO

Se cansares, assentar-te-ás,
pois que não tens facanea.

CLÉRIGO

Venite, exultemus,
que cães e furão que temos
pera tempo de mister!

FRANCISCO

Domine Dominus noster
nos dê com que os manter,
e coelhos que levemos.

CLÉRIGO

Coeli enarrant gloriam Dei,
não cuide papa nem rei
que está no cume da serra.

FRANCISCO

Domini est terra,
que é senhor de toda grei.

CLÉRIGO

Ora te Deum laudamus,
pois que tal manhã levamos
pera provarmos a perra.

FRANCISCO

Jubilate Deo, omnis terra:
diz que rezemos e vamos.

CLÉRIGO

Assi manda Deus, Deus meus,
e nos dá dia para eles.

FRANCISCO

Lauda Dominum de coelis.
Pois os coelhos são seus.

CLÉRIGO

Cantate: diz que cantemos
cantar novo e não usado.

FRANCISCO

Cante o beneficiado,

que nós pouco pão colhemos.

CLÉRIGO

*Laudate Deum, omnes gentes,
Laudate Nuno Ribeiro,
que nunca paga dinheiro,
e sempre arreganha os dentes.*

FRANCISCO

*Levavi oculos meos,
vi que os dinheiros alheios
muitos os repartem crus.*

CLÉRIGO

*Nisi quia Dominus
nos dará os melhores meios.*

FRANCISCO

*Qui confidunt in Domino
tem esperança direita.*

CLÉRIGO

*In convertendo boa peita
deste tal não hajas dó.*

FRANCISCO

*Beati omnes que tem,
que estes podem dizer bem
Loetatus sum in iis.*

CLÉRIGO

*Laudate, Hierusalem,
a todo o homem que tem
vinténs, tostões e ceitis.*

FRANCISCO

Soepe expurgaverunt me:

diz a lira na sua grosa,
que é cousa perigosa
andares à caça a pé.

CLÉRIGO

Se beato immaculato
me emprestasse o seu mulato,
mas não sei se quererá.

FRANCISCO

Jam lucis orto si dará
em que leves ti e o fato.

CLÉRIGO

Dixit Dominus que tinha
uma muito boa asninha
Non sede a dextris meis.

FRANCISCO

Donec ponam tem seis
e mais uma mulatinha;
vede se as haverseis.

CLÉRIGO

Beatus vir que tem sendeiro,
que lhe aparou *Deus deorum.*

FRANCISCO

Habet consilium impiorum
não o emprestar sem dinheiro.

CLÉRIGO

Deus in nomine tuo de graça
salva-me na tua faca.

FRANCISCO

Com dous arráteis de vaca

escusaríeis a caça.

CLÉRIGO

Ir à caça cada dia
aleluia, aleluia.

FRANCISCO

Vamo-nos a bom bispo,
pedrada no teu toutiço.

CLÉRIGO

Oremus.

FRANCISCO

Bem faremos.

CLÉRIGO

Venham-me os cães,
as redes e o furão,
mas o coelheiro não.
que vives e reinas
na vila do pedregão.

FRANCISCO

A bem.

CLÉRIGO

Requiescant in pacem.

FRANCISCO

Mãos pagadores te paguem.

CLÉRIGO

Inducas in tentationem.

FRANCISCO

Responda-te Luiz Homem.

CLÉRIGO

Exaudi orationes nostras.

FRANCISCO

Azambujo nessas costas.

CLÉRIGO

Pater noster.

torna a casa muito prestes
e leva esse breviário.

FRANCISCO

Em dia de algum fadairo
foi quando vós, pai, nascestes;
porém se eu lá volver
benzei-vos se cá vier.

CLÉRIGO

Virás, Francisco; ora vai,
que filho es de bom pai,
e tua mãe boa mulher.

Dize-lhe que se eu tardar,
que tanja a véspera e repique
muito bem, porque não fique
a festa sem repicar.

E há mister que correja
muito bem essa igreja,
e as galhetas bem sabe ela
que hão já mister barrela;
E olé tudo e proveja.

Anda Tejo à Fragueira.
e dirás a tua mãe mais,
que me guarde os corporais,
Que ficam na cantareira.

e o calez achará
no almáreo de cá
Atado com os seus toucados,
E os amitos pendurados
Onde a minha espada está.

E a vestimenta achará
dobrada sobre a albarda.
Que ponha tudo cm guarda,
como ela sabe já.
E que alimpe bem a pia,
não asse sempre castanhas;
e tire as teias de aranhas
à mártel Santa Luzia.

E solte a cabra também,
que está presa pela estola,
e logo não seja tola,
que correja tudo bem.
Porque se deus cá aportar
marcos esteves da corte,
e achar tudo dessa sorte,
vê-lo-eis vós espirar — ai, ai.

À ribeira, que esse é ele,
pelos santos evangelhos;
já lhe ele pruem os artelhos,
e se lhe escarrapiça a pele.

CÃO
Ham, ham.

CLÉRIGO
Guarde-o cabrão.

CÃO
Ham, ham.

CLÉRIGO
Ora, cadela.

CADELA
Hã, hã.

CLÉRIGO
Ei-lo vai pela portela,
sem cadela e sem cão!
Oh renego da vida,
perdoe-me Deus consagrado.
Algum grande excomungado
me olhou à minha partida.

(Vem um filho de um lavrador, e traz um cesto coberto e uma lebre e dois capões, e chegando ao Clérigo diz)

GONÇALO
Ora Deus vos dê prazer.

CLÉRIGO
Que é isso que levas aí?

GONÇALO
Uns marmelos levo aqui,
samicas pera vender,
e esta lebre pera haver
dinheiro dos cortezões;
e levo este par de capões,
e limões pera os comer,
que eles dinheiro terão.

CLÉRIGO
Pois que vás vender à corte,
olha bem pelo virote,
não te fies de rascão.

GONÇALO

E rascões que aves são?
Samicas são alguns bichos.

CLÉRIGO

Mas são lobos pera michos,
e raposos de nação.

GONÇALO

Bem hei de saber vender.

CLÉRIGO

E eles melhor comprar.
Se te puderem furtar
as orelhas, há de ver.

GONÇALO

Não me quero mais deter;
vou-me e Deus vá comigo.

CLÉRIGO

Olha bem por ti, amigo.

GONÇALO

Bem sei o que hei de fazer.

(Entram dois moços do Paço muito louçãos, um chamado Duarte, outro Almeida, o qual começa dizendo ao Duarte)

ALMEIDA

A tormenta da má vida
que eu levo neste paço,
sabes que conta lhe faço?
Que vou numa não perdida,
rota pelo espinhaço.

DUARTE

Bom dizer é esse, porém
dai a Deus tal apontar.

ALMEIDA

Isso não será zombar?
Já me disse não sei quem
bem do vosso motejar.

DUARTE.

Abasta: folguei de ver
sair-vos Túlio do seio:
muitos criará o centeio,
mas poucos de tal saber.

ALMEIDA

Logo vos foram dizer
que era eu ratinho, senhor.

DUARTE

Não sei, vós tomastes cor,
eu não sei que isso quer ser.
E vejo-vos, mano, morto,
e tendes ar de mirrado.

ALMEIDA

Vós estais mais aguçado
que canivete do Porto.
Viva o conde do redondo,
que lhe furtais quanto tendes;
mas da sua graça mendes
vos acho eu todo mondo.

DUARTE

Logo falais per mondar,
como homem daquela terra:
já vós veríeis na serra

algum gadozinho andar,
não digo eu pera o guardar,
senão vê-lo-eis pascer,
e pera vosso prazer
sabereis assobiar.

ALMEIDA

Per muitas fôrmas zombais,
fôrmas bem as conheceis;
olhai não vos demudeis
primeiro que me entendais.

DUARTE

Assi como bafejais,
inda me cheirais a nabos.

ALMEIDA

Bem parece que a dous cabos
cozeis tudo o que falais.

DUARTE

Eu vejo vir um vilão,
hei-o certo de abraçar,
porque se pôde acertar
que será algum vosso irmão.
Guarda-porcos, dá cá a mão.

GONÇALO

Nunca os guardei per mi,
mas já eu a vosso pai vi
morder um bom cordavão.

ALMEIDA.

Parece-me que per sua arte
vos sacode ele a badana.
Dos michos desta semana
te dou, vilão, minha parte.

Olhai cá, Senhor Duarte.

DUARTE

Almeida, que me quereis?
Tantas Cousas paroceis,
que não sei de qual me farte.

Porque é certo que eu vos vi
levar já a merenda à vinha,
e cá pregais a boquinha
como Dom Priol daqui.
E propriamente assi
sabeis tudo, ah narizinhos!
E onde fordes vizinhos
grande frio fará ali.

GONÇALO

Bofá vejo eu portugueses
da corte muito alterados,
mais propínquos dos arados
que parentes dos meneses.

DUARTE

Oh fideputa avisado!
E o vilão é castiço:
o rapaz rapa chouriço,
rapaz mouro engrageijado.

GONÇALO

Vós sombreiro acutilado,
cuidareis que sois alguém?
Pois vos eu conheço bem,
falai vós mais conchavado.

DUARTE

Rapaz, es tão namorado!
Ora falia sem sabor,

rapaz, que mudas a cor.

GONÇALO

Ora estais bem aviado.

ALMEIDA.

Vendes a lebre, vilão?

GONÇALO

Si, fidalgo.

ALMEIDA

Mostra cá:

quanto a dás? que custará?

GONÇALO

Samicas meio tostão.

ALMEIDA

E no cesto, que tens lá?

GONÇALO

Trago aqui estes capões,
e bons marmelos valentes,
se deles fordes contentes;
e er também trago limões
pera aguçardes os dentes.

(Enquanto Gonçalo se abaixa a descobrir o cesto para mostrar tudo o que traz, foge Almeida e leva a lebre, e Gonçalo achando-a menos, diz)

GONÇALO

E a lebre que foi dela?

DUARTE

Que sei eu?

GONÇALO

Hu-lo parceiro?

DUARTE

Não te deu ele o dinheiro?

GONÇALO

Pardeus de graça vai ela:
lá a leva ele o escudeiro.

DUARTE

Vai, vai correndo asinha,
que inda agora vai per i.

GONÇALO

Olhai-me vós perequi,
porque ela não era minha,
e é mal perdê-la assi.

DUARTE.

Oh que gostoso vilão,
e que boa festa temos!
Almeida e eu partiremos
como irmão com irmão.

GONÇALO

Ô mulher do amarelo,
viste cá, se vem à mão,
um fidalgo terrastão
com uma lebre no capelo?

Ô vós do saco de palha,
viste-me cá minha lebre?
Oh! dou-me a Deus que me leve,
não hei de achar nem migalha.
dize, senhor sapateiro,
a minha lebre vai cá?

Pera que é buscá-la já!
Dou ó demo o escudeiro.

Leve-a por amor de Deus,
pela alma de meus finados,
porque lhe somos obrigados,
eu e todos meus éreos.

(Duarte tanto que Gonçalo se partiu a buscar a lebre, foi-se e levou o cesto e os capões, e diz Gonçalo quando não acha novas da lebre)

GONÇALO

Pior é que me dá cá
na vontade que os capões
foram com os outros rascões
caminho da ira ma.

Pardeus, tal vos é ela a vós:
isto é o com que eu renego.
fizera mais um galego
na meta de uns inatos sós?
Uma escandola como esta
encé de birra a pessoa;
nem tal chufa não é boa
pera véspera de festa.

Como assi se usa cá?
Ai eramá que é mal;
que quem furta um furto tal
outro melhor furtará.
As almas dos cortezões
são coma não sem governo,
porque cuidam que o inferno
que se come com limões.

O carmelita nos sermões
Bem lhes mostra o paraíso,

mas tanto vem eles isso
como eu vejo os meus capões.

(Indo assim Gonçalo tornando pera a sua aldeia, torna a achar o Clérigo, o qual lhe diz)

CLÉRIGO

Já tu, Gonçalo, vendeste?
asinha tu despachaste.

GONÇALO

Praza ao mártir Santiaste
que nunca lhe a lebre preste.
Abaste, eu não fui sisudo.

CLÉRIGO

Conta, rogo-to, Gonçalo!

GONÇALO

Mais porei eu em contá-lo,
que eles em furtar-me tudo.

CLÉRIGO

Estava isso mau de ver.

GONÇALO

Sois proféteguo, padrinho:
mas se eu torno outro caminho,
não há ela assi de ser.
Porém quereis-me dizer
um responso ou uma aqesta,
que me apare deus a cesta,
e dar-vos-ei do que tiver?

CLÉRIGO

Se queres *miracula* ver,
torna lá com um par de patos,

que se os capões vão baratos,
estes assi hão de ser.
Calamitas demones hás de trazer;
porém o dinheiro será de mau mês.
Cedunt maré vincula res
que *perdunt* quanto vieres vender.

Quero ora ir catar
coisa que me mate a brasa.

GONÇALO

Eu não ousa de ir a casa;
meu pai há me de cocar.

CLÉRIGO

Espera-me a par do lugar,
e eu irei lá contigo,
e rogar-lhe-ei como amigo,
que não te deixe de dar.

Se topares lá em fundo
um negro, põe-te a recado,
porque é um perro malvado,
maior ladrão do inundo.
Não olhes no que falar,
que é muito falso o cabrão.
Olha per teu chapeirão,
porque ele há-te de atentar
se tens tu olho ou não.

(Indo Gonçalo seu caminho, apartando-se do Clérigo, topa um Negro grande ladrão, e entra cantando buscando um mulato: e diz Gonçalo, depois de cantar o Negro)

GONÇALO

Dize, negro, es da corte?

NEGRO
Que isso?

GONÇALO
Se és da corte?

NEGRO
Já a mi forro, não sá cativo.
Boso conhece Maracote?
Corregidor Tibão é.
Ele comprai mi primeiro;
quando já paga a rinheiro,
daita a mi fero no pé.
É masa tredora aquele,
aramá que te ero Maracote.

GONÇALO
Mais tredor era o rascote
que me a mim furtou a lebre.

NEGRO
Que é que isso que te furtai?

GONÇALO
Uma lebre de meu pai,
de meu cunhado uns capões,
e marmelos e limões;
abonda tudo lá vai.

NEGRO
Jesu, Jesu, Deoso consabrado!
Aramá tanta ladrão!
Jesu! Jesu! um caralásão:
Furunando sá sapantado.
Jesu! cralasang.

Pato nosso santo paceto ranho tu e figo valente tu e cinco sego
salva terá pão nosso quanto dão dá noves caro é debrite noses já
libro nosso galo. Amen Jeju, Jeju, Jeju

Sa pantaro Furunando.
Dize, rogo-te, falai:
conhece tu que furtai?
Porque tu não bruguntando?

GONÇALO
Perguntarei por meu pai.

NEGRO
Cale-te: Deóso cima sai,
que furtai ore oiai.
Deuso nunca vai dormi,
sempre abre oio assi
tamanha tu sapantai.

Guarda mar esso mal,
e senhora Prito santo.
Nunca rirá homem branco
furunando furta real.
Não sabe mi essa careira:
Para quê? para comê?
Muto come imito bebê,
turo turo sa canseira.

Vira mundo turo canseira:
senhor grande, canseira;
home prove, canseira;
muiere fermoso, canseira;
muiere feio, canseira;
negro cativo, canseira;
senhoro de negro, canseira.
Vai missa, canseira;
pregação longo, canseira;

crerigo nam tem muiere, canseira;
crerigo tem muiere, canseira,
grande canseira:
firalgo solto, canseira;
chovere muto, canseira;
não pôde chovere, canseira:
muito filho, canseira;
nunca pariro, canseira;
papa na roma, canseira;
essa ratinho, canseira;
não vamo paraíso, grande canseira:
vira resa mundo turo turo he
canseira.

Mi nam falia zombaria.
Pos para que furtai?
Que riabo sempresa!
Abre oio turo ria.
mi busca mulato bai,
ficar abora, ratinho.

GONÇALO

Eu aguardo meu padrinho,
que vá comigo a meu pai.

Eu vou ao rio perem,
porque hei sede e beberei,
e sicais que nadarei
enquanto o clérigo vem.
Leixarei o chapeirão
metido nesta mouteira,
e o cinto e esmoleira,
porque lá logo o verão,
não me aqueça outra tal feira.

(Espreita o negro como Gonçalo esconde o chapeirão e o tal, e tanto que se vai entra dizendo)

NEGRO

A mi abre oio e ve
ratinho tira besiro:
ere dexe aqui condirro:
não sei onde ele metê.
Senhora Santo Francico,
Santa Antonia, San Furunando!
Pois mi há d'andar buscando,
e levare ele na bico
o servo santa maria.

Sabe a Regina Malho misericoroda nutra de um cego savel até que vamos. A oxulo filho d'égoa alto soso peamos já mentes já frentes vinagre que ele quebraram em balde já ergo a quante nossa há ilhos tue busca cordas óculos nosso convento e geju com muito fruta ventre tu já treines já pias. Seuro santa Maria dinheiro! me lá darão é ve esa carta da me mucho que furte cantara Furunando.

(Acabada assim esta Salve Regina, acha o Negro o que Gonçalo deixou escondido, e diz)

Ei-lo aqui sá! Deuso graça.
Graça deuso esse é capote;
nunca dexa aqui palote:
ratinho, quem te forcasse!
Aramá que te ero vilão!
que palote saba sam,
barete tambem bo era.
Mi cansai e à deradera
a mior fica sua mão.

Vejamos bolsa que tem:
um pente para que bo?
Três ceitil sá qui so:
ratinho nunca bitem.
O riabo ladarão!

Corpo re reos consabrado!
Essa vilão murgurado
sá masa prove que cão.

Quando bolsa mi achase
Fernão d'Álvaro, esse si;
nunca pente sá ali.
Ah reos! quem te furtasse
bolsa, Nu na Ribeiro!
Home bai busca rinheiro:
a toro ere rise:
já rinheiro feito é.
Arama que tu ero gaitero!

Fernão d'Álvaro me acontenta;
ele nunca risse nam.
Logo chama cá crivam,
— crivaninhai esormenta;
toma rinheiro, vás embora.
Boso home de bem, que buscai?
— Mi da cureiro agarba sai.
— Boso que buscai corte agora?

— Buscai a Rei jam João,
paga minha casamento.
— Dá cá, moso, trai esormento;
crivaninhai boso, crivão:
home, tomai um dos quatro sete:
vás embora turo turo.
Sua rinheiro sa segura,
mioro que ele promete.

Marco Estevez moladeiro
ele rise: Santa Maria!
Rinheiro boso queria?
Bai bai dormir paieiro. —
Boso que pedir, muieiro?

— Tanta filho mi tem qui...
— Quem manda boso pari,
boso grande parideiro?

— Boso seria muito bô:
vaca ne Francico paia;
tenha seis filho e mi só
nam temo comere ni migaia.
Ele rise:
que culpo tem a Rei jam João?
Boso parir como porco,
bai buscai sua pai torto,
que dai a sua fio pão.

Velha, que boso querê?
— Mola, que a mi pobre sai.
Ele rise:
porque boso nam guardai
rinheiro que boso bebê? —
Jesu! Jesu! moladeiro
sá riabo aquela home;
quando a mi more da fome
nunca buscai sua rinheiro.

Porém graça a Reos, a mi
nunca minga que furtá;
pouco cá, pouco rela,
pouco requi, pouco reli,
grão e grão galo fartá.
Quem furta, home sesuro:
e louvar a reos com turo
e senhoro prito santo.
A mi bai furta emtanto
camisa que sá na muro.

(Vem Gonçalo tremendo com frio e diz)

GONÇALO

Mui mau nadar faz verão
até meado o janeiro;
mas agora é o ribeiro
que corta homem como cão.
Jesu! e o meu chapeirão
E o cinto e a esmoleira?
Pois esta era a mouteira
e este é ô mesmo chão.

Agora merecia eu
um par de trochadas boas,
porque fiar nas pessoas
nunca outro fruto deu.
Bem vi eu que o guincu
me viu tudo aqui leixar;
mas o seu negro pregar
me levou a mi o meu.

Quem se faz mais verdadeiro,
crede que é o mentiroso;
e nunca vistes medroso
que não finja de guerreiro,
e o ladrão de piedoso.
Já todo o inundo é raposo
já não há i que fiar,
a mi mesmo hão de furtar
se me eu daqui não acosso.

(Roubado assim Gonçalo vem uma velha e traz consigo Cecília da Beira, em que fala Pedreanes)

VELHA

Amara do meu fadairo!
Ui Fernando neto meu,
que é do que teu pai te deu?
Que lá contou o vigairo

quão pouco trazes de teu.
E teu pai é tão cruel,
e tua mãe tão sundia,
que trouxe da estrebaria
uma vara d'azemel
pera te tirar a azia.

Quando vi tamanha aquela,
trago esta demoninhada
a Cecília nomeada
fala pedreanes nela,
e descobrirá a cilada. —
Pedreanes!

CECÍLIA
Aqui estou.

VELHA
E aqui haveis de estar,
e haveis-vos de assentar;
e pois sabeis quem roubou
meu neto, fazei-lho achar.

CECÍLIA
Não há muito de tardar;
mas logo aqui virão ter
quem isso lhe foi fazer;
e se quiserem pagar
eu bem lho hei de dizer.

GONÇALO
Que é o que me furtarão?
Vejamos se adivinhais.

CECÍLIA
Dous mancebos te enganaram,
e os limões que te levaram

venderão por seis reais.

E uma moça corcovada
está agora depenando
o capão de tua cunhada,
e o outro se está assando,
e a lebre pendurada.
Ainda por mais sinal
cobriram-na com um sombreiro
em casa de um alfaiate.

GONÇALO

Que besteiro é este tal!
Este é o Déxemo inteiro
em trajos de carafate.

Mais hei hoje de saber,
pois me eu acho aqui à mão.
Assi Deus te dê prazer
que tu me queiras dizer
se hei de casar cedo ou não?

CECÍLIA

Casarás polo natal
com mulher sem tua perda;
seu corpo como cristal,
e achar-lhe-ás um sinal
no meio da coxa esquerda.

E tem na teta direita
um luar com três cabelos:
pela cinta muito estreita,
de uma nádega contreita.
e zambra dos cotovelos.

GONÇALO

Não hei de casar dess' arte,

nem Deus não há de querer.

CECÍLIA

Esta mesma hás tu de haver,
nem cases em outra parte,
senão pouco hás de viver.

VELHA

Bento e louvado serás
Deus e a Virgem da Franqueira,
que me tirou de canseira
de casarás, não casarás,
sei freira, não sejas freira.

CECÍLIA

Pois que vós isso dizeis,
e não me perguntais nada,
antes de um ano e um mês
vós haveis de ser casada
com um criado do Marquês.

VELHA

Agora me quero eu rir:
sabedes vós isso certo?

CECÍLIA

Digo que estais tão perto
como eu de me partir
pera o meu negro deserto.

VELHA

Pedreanes, não vos vades,
rogo-vo-lo, que ainda é cedo.
sebedes vos — eu hei medo
serem isso vaidades,
e esse outro estar-se quedo.

(Vem Duarte e Almeida)

DUARTE

Mantenha-vos Deus, Brancanes,
Deus vos dê sempre boa hora.

VELHA

Não faleis em Deus agora,
porque está aqui pedreanes,
que chegou agora esta hora.

DUARTE

A ele buscamos, senhora,
que o havemos bem mester,
e dar-lhe liemos, de alma em fora,
tudo quanto ele quiser,
que o leve muito embora.

VELHA

Pedreanes a um grou
achará o rasto no ar,
pois que me ele foi achar
que velha assi como estou,
hei ainda de casar.
Creio-o-lho polo que vejo,
porque eu sou muito sadia,
e tenho a pele macia
como costas de cranguejo
ou lagosta d'Atouguia.

E tenho minhas arnelas:
ponde me ora aqui a mão,
mancebo e haja eu perdão,
ainda eu como com elas
uma posta de cação.
O bafo, a Deus louvores,
é coma algalia de Arruda.

Ora eu farei outras cores,
porque hei de entrar em muda,
como fazem os açores,
então venham meus amores.

DUARTE
Pedreanes.

CECÍLIA
Aqui estou.

DUARTE
Estai por amor de mi,
e não vos vades daqui;
porque minha fé vos dou
que somos vossos enfim.

CECÍLIA
Se quereis levar na mão
isso porque me buscastes,
pagai a este vilão
a lebre que lhe tomastes,
e três vinténs por capão,
e um tostão dos marmelos,
e pagai-lhe seus limões.

VELHA
Parece-me a mi, rascões,
que vos tornais amarelos.

DUARTE
Paguemos-lhe três tostões.

ALMEIDA
Duarte, tendes vós i
dinheiro na fraldiqueira?

DUARTE

Eu vendi patos na feira?

ALMEIDA

Nem eu tampouco os vendi,
nem tenho eira nem beira.

CECÍLIA

Gonçalo, sei tu lembrado
que dixeste que por Deus
lhe havias por perdoado
pola alma de teus éreos,
e não te devem cornado.
Vai pedir o chapeirão
ao negro do Maracote.

GONÇALO

Ora fiaí de rascão,
que farpa lodo o pelote,
e não se farta de pão.

ALMEIDA

Já nós somos sabedores
que é muito teu poder,
e queríamos saber
planetas de alguns senhores,
e sinos de seu nascer.

E a que são inclinados
por sua constelação,
e quais são mais namorados.
E também as condições
de que planeta lhes vem,
declarado por item.

CECÍLIA

Dizei embora, rascões,

que eu sei isso muito bem.

Porque por astrolomia
conheço os seus nascimentos,
e pela filosomia
sei todos os pensamentos
que trazem na fantasia.

DUARTE

Qual é o mor namorado
de Portugal e Castela?

CECÍLIA

É o Conde de Penela;
mas anda dissimulado
por amor da sua estrela.

ALMEIDA

O senhor Embaixador
do César Imperador
creio que nasceu no céu;
mas se na terra nasceu,
qual planeta em seu favor
foi a que lhe aconteceu?

CECÍLIA

Nasceu uma noite clara
quando a lua aparecia,
e vênus tomava a vara
com que as graças repartia,
como em ele se declara.
E estando assi lustrosa,
o fez tão sábio e humano,
de condição tão graciosa,
que não tem em nada grossa,
senão só ser castelhano.

DUARTE

O Conde de Marialva
sabes quanto há de viver?

CECÍLIA

Mau é isso de saber,
que ele não é flor de malva
que apodrece sem chover.
Com todas suas feridas,
e muito enferma cansada,
contratou-se de maneira,
que deus lhe deve três vidas,
e esta é ainda a primeira.

ALMEIDA.

Do Védor é necessário
saber a planeta sua.

CECÍLIA

Sua planeta é a lua,
o sino é sagitário,
com uma frecha atabua.
Tem fôlego como gato,
digo vida perlongada;
porém não coma de pato
senão só uma talhada,
inda que custe barato.

DUARTE

Sabes quantos anos há
que Vasco de Foes é nado?

CECÍLIA

Quando foi a do Salado,
era ele mancebo já,
mas não era tão barbado.

ALMEIDA

O senhor Conde meu senhor
do Redondo em que estrela,
ou que Planeta é aquela
que o fez tão sabedor,
pera que adoremos nela?

CECÍLIA

Esse Conde e outros assi
por agora hão de ficar,
de outrem podeis perguntar:
mas eu tornarei aqui,
e vós me ouvireis falar.

ALMEIDA

Afonso de Albuquerque, irmão,
que foi ao Imperador,
que sino tem por senhor,
e porque a sua condição
não pudera ser melhor?

CECÍLIA

Mercúrio é a sua estrela,
e será bem esquençado
se jogar jogo assentado;
porém se jogar a pele,
não lhe ficará cruzado.

DUARTE

Eu tenho Jorge de Melo
por um Padre São Gião;
traz sempre contas na mão,
mas não sei lá no capelo
como vai à devoção.

ALMEIDA

Ele reza pela rua,

que traz contas todo o dia;
ou é por galantaria?

CECÍLIA

Mui boa vontade é a sua,
mas o cuidado o desvia.
reza mais que cinco donas,
e Deus se está sem paixão.

DUARTE

Que lhe pede na oração?

CECÍLIA

Que lhe dê sete atafonas
a porta de Santo Antão.
e que lhe dê tanto gado
como Isaac trazia,
e uma capitania,
com que fosse tão honrado
como ele merecia.

ALMEIDA

Gaspar Gonçalves, Pedreanes,
em que sino nasceria?
Faze-me esta obra pia;
e olha que não me enganes,
porque vai sobre porfia.
Desejo sabê-lo em cabo.

CECÍLIA

Nasceu no Escorpião,
afagua-vos com a razão,
mas despeja-vos com o rabo
no cabo da conclusão.

DUARTE

E Brezeanes guardador

das damas, que és perro viejo?

CECÍLIA

Esse Brezeanes, senhor,
o seu sino é de cranguejo,
porque anda através do amor
e através do desejo.

E é tomado da lua,
muito seco dos espíritos,
porque há i sinos malditos
que não tem graça nenhuma.

E o que quereis saber
das damas e amadores,
o domingo que vier
eu direi quanto souber
delas e seus servidores.
Ensinar-vos-ei então
cantigas com que folgueis;
e agora não canteis,
fique por conclusão
que este dia cantareis.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com